

Repensando o perdão 2

Jonathan Hack

Continuamos nossa série de pequenos textos para esclarecer alguns conceitos que geralmente dificultam o cumprimento do mandamento do perdão. Ao meditar sobre esse assunto, lembre-se que nosso parâmetro final é sempre o perdão divino como revelado nas Escrituras.

Perdoar não é esquecer

Uma expressão em inglês recomenda *forgive and forget*, ou seja, perdoar e esquecer. Ora, perdoar não está associado a *esquecer*, mas sim a escolher *não se lembrar* de forma ativa. Algumas pessoas confundem essas ações, mas elas são bem diferentes. Aliás, não é possível perdoar algo que esquecemos, pois precisamos perdoar exatamente porque não esquecemos a ofensa cometida.

Ao examinarmos nosso paradigma, que é o perdão divino, descobrimos que o Senhor Deus não esquece dos nossos pecados (Jr 16.17; Sl 90.8). Se ele fizesse isso, não seria mais onisciente, pois eu saberia coisas que ele não sabe mais. Preste atenção! Os textos bíblicos falam de uma escolha divina:

- em não mais trazer à lembrança o pecado: “perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados **jamaiz me lembrarei**” (Jr 31.34); “dos pecados que você cometeu **não me lembro**” (Is 43.25); “De todos os pecados que cometeu, **nenhum deles será lembrado** contra ele” (Ez 33.16). Confira também Sl 25.7; Is 64.9; Sl 109.14.
- em cobrir o pecado para não o ver: “perdoaste a iniquidade de teu povo, **encobriste** todos os seus pecados” (Sl 85.2); “bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, **cujo pecado é coberto**” (Sl 32.1); “**esconde o teu rosto** dos meus pecados” (Sl 51.9). É esse o sentido do texto quando Deus “apaga” o pecado (Is 43.25; 44.22; Sl 51.1).
- em afastar o pecado para não o ver: “quanto o Oriente está longe do Ocidente, assim **ele afasta de nós** as nossas transgressões” (Sl 103.12); “e **lançará** todos os nossos pecados **nas profundezas do mar**” (Mq 7.19); “porque **lançaste para trás de ti** todos os meus pecados” (Is 38.17). Confira também Lv 16.22, em que o pecado é mandado embora por meio do bode emissário.
- em não considerar o pecado: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, **não levando em conta** os pecados dos seres humanos” (2Co 5.19). Apenas uma vez as Escrituras mencionam “esquecer”: “Quem é semelhante a ti, ó Deus, que perdoas a iniquidade e **te esqueces** da transgressão do remanescente da tua herança?” (Mq 7.18). Contudo, aqui o problema está na tradução escolhida pela versão Almeida e algumas outras; o verbo original significa “passar por cima”, “deixar de fora”.¹ Assim traduziram diversas versões em inglês (ESV, KJV, NRSV, NJB, NLT) e também a LXX. Ou seja, Deus não considerou o pecado do seu povo por conta da futura provisão preparada no Cordeiro Jesus.

Então, no Antigo Testamento Deus escolhe “cobrir” o pecado (geralmente traduzido por “expiar”) porque o pecado só seria aniquilado com o sacrifício de Jesus (Hb 9.26). Deus não se esquece do que aconteceu, apenas faz uma escolha de não se lembrar mais do assunto, pois o assunto seria resolvido por ele mesmo, ao se encarnar e morrer na cruz.

Portanto, para perdoarmos como Deus (Ef 4.32), além de liberarmos o ofensor da punição merecida, **escolhemos deliberadamente não recordar mais a ofensa**, como Deus faz. Anote bem as duas partes do perdão: renunciar à punição do ofensor e não trazer à memória a ofensa passada.

¹ Veja outro uso em Pv 19.11, que a ARA traduz como “perdoará”.

Consequências do perdão

Vamos detalhar mais essa segunda parte. **Ao perdoar, você assume o compromisso diante de Deus de não trazer à memória a ofensa perdoada, seja em seus pensamentos íntimos, seja ao falar com o próprio ofensor ou ao falar com outras pessoas.** Portanto, perdoar o cônjuge significa não recordar os erros do passado para compor novas acusações na hora da discussão ou para culpar o outro. É o compromisso de agir como Deus faz quando perdoa.

Mas eu “não consigo esquecer”, diria você. É preciso treinar a mente para pensar diferente. Ainda que a ofensa passada surja na sua mente com insistência por causa da dor causada, você tem o compromisso de não falar mais do assunto e não o manter vivo em sua memória. Toda vez que a ofensa é lembrada, ore e recorde o compromisso de perdão realizado diante de Deus; depois decida ocupar a mente com outros pensamentos (Fp 4.8). Se necessário, faça uma lista de assuntos a pensar ou meditar para não ficar remoendo a ofensa já perdoada. Por exemplo, entoe cânticos de louvor ou ore pelo bem daquele a quem perdoou. No começo, isso pode ser difícil, pois seus sentimentos o puxarão a agir diferente. Resista; com o tempo, os sentimentos se adequarão à realidade do perdão.

Depois de perdoar uma ofensa, podemos até esquecer dela pelo compromisso constante e intencional de não mais trazê-la à memória. Mas esquecer não é o sinal de que houve perdão; em alguns casos, nunca esqueceremos do que aconteceu. O perdão ocorre pelo compromisso feito de “enterrar” o ocorrido, o que produzirá chance de restauração de relacionamentos, cura de sentimentos dolorosos e eventual esquecimento da ofensa (quando ela se torna totalmente irrelevante para o relacionamento presente). O perdão permitirá lembrar a ofensa sem sentir dor (o que pode levar um tempo para ser alcançado de fato), ou seja, a ferida se cicatrizará e poderá surgir um momento de alegria mútua em que as pessoas envolvidas se sentem bem ao brincar sobre o passado que já foi dolorido.

Uma exceção à regra de não falar da ofensa (perdoada ou não) com outros são momentos de aconselhamento com uma pessoa mais madura na fé. Ainda assim, é preciso policiar nossa atitude e a forma como comentamos sobre o que aconteceu. É no aconselhamento que a ofensa perdoada pode ser usada como parte de um histórico de comportamento para tentarmos ajudar a pessoa a não mais causar esse tipo de ofensa. Por exemplo, um alcoólatra pode ser perdoado pela sua bebedeira e comportamento consequente, mas o incidente não deve ser ignorado pois a pessoa precisa de ajuda. Diante de uma ofensa repetida, devemos perdoar como se fosse a primeira vez; mas não agimos como se ela nunca tivesse sido feita antes. Se alguém repetidamente nos ofende do mesmo modo, precisamos investigar o que fazer para evitar a repetição dessa ofensa. Devemos ajudar o ofensor a não errar mais.

Em outras palavras, perdoar não significa deixar a pessoa repetir livremente a ofensa ou comportamento destrutivo (por exemplo, um cônjuge violento precisa ser confrontado e contido). Como já vimos no caso de Davi no texto anterior, o perdão não elimina todas as consequências da ofensa, em especial quando a ofensa é grave ou continuamente repetida. É exatamente nesses casos que é bom buscar aconselhamento com um pastor ou um casal maduro na fé.

Como perdoar?

Finalmente, perdoar não é simplesmente ignorar a ofensa cometida ou fingir que não aconteceu nada; se o acontecimento lhe é indiferente, você não precisa perdoar, é só desculpar o ofensor não intencional. Mas se a ofensa dói e você finge ser indiferente, você ficará ressentido com você mesmo e com o ofensor por não resolver o problema.

Situações assim acontecem com frequência no relacionamento conjugal. Às vezes o cônjuge percebe que ofendeu e vem pedir perdão sem você falar nada. Muitas vezes, contudo, o ofensor nem sabe que ofendeu o cônjuge, mas este fica ressentido porque o outro não veio pedir perdão. Daí geralmente a parte ofendida dá demonstrações de amuo e chateação para que a parte ofensora perceba que fez algo errado. Ora, se você já passou por isso, você sabe que não é fácil adivinhar o motivo da chateação do outro e qual foi a ofensa cometida. Muita gente tem dificuldade de explicitar qual é o

problema e espera que o outro desvende o enigma por meio de alguma revelação sobrenatural. Todavia, a Bíblia não nos permite ficar remoendo nosso ressentimento ou ferida num cantinho. Pelo contrário, ela nos ordena a agirmos ativamente para resolver o conflito.

Assim, quando há ofensa, Jesus ordena confrontar o ofensor e esperar seu arrependimento: “Se o seu irmão pecar, **repreenda-o**; se ele se arrepender, perdoe-lhe” (Lc 17.3; veja também Mt 18.15). Isso significa que você precisa ir até o ofensor e falar claramente qual foi a ofensa cometida. É possível que tenha sido um ato não intencional e você só precisará desculpar a pessoa. É possível também que você tenha interpretado incorretamente os fatos ou palavras ditas; nesse caso, a ofensa ocorreu apenas em sua mente e não na realidade; novamente é só desculpar a pessoa.

A reconciliação entre as partes será alcançada após a afirmação verbal de arrependimento e do pedido de perdão pelo ofensor: “Se pecar contra você sete vezes num dia e sete vezes vier para lhe dizer: ‘Estou arrependido’, perdoe-lhe” (Lc 17.4; veja Pv 28.13).

Observe que Jesus instrui para perdoarmos quando o outro **diz** “Estou arrependido”, não quando comprova que está arrependido. Não devemos cobrar demonstrações do arrependimento, pois elas surgirão com o tempo. Se o arrependimento não for real, a atitude não corrigida do ofensor certamente gerará novas ofensas no futuro. Infelizmente, mesmo se o arrependimento for real, o perdão à ofensa atual não nos garante livramento de ofensas futuras; veja que Jesus falou em perdoar sete vezes por dia a mesma pessoa (em Mt 18.22 ele fala de 490 vezes!).

É por isso que o perdão não garante retorno imediato ao relacionamento anterior que você tinha com o ofensor. Dizer “eu perdoo você” não encerra o problema. Mas é só com o perdão que você pode começar o processo de reconstruir a confiança perdida e tomar passos para corrigir os efeitos residuais da ofensa original.

Perguntas de revisão e aplicação

1. Deus esquece de nossos pecados? Explique citando textos bíblicos.
2. Quais são as duas partes do perdão bíblico?
3. O que fazer quando você “não consegue esquecer” uma ofensa?
4. O perdão sempre gera esquecimento da ofensa?
5. Em que momento é útil relembrar a ofensa? De que forma isso deve ser feito?
6. Como podemos ajudar o ofensor a não repetir sua ofensa?
7. Que passo ativo devemos tomar quando somos ofendidos?
8. É certo cobrar demonstrações de arrependimento antes de perdoar o ofensor? Por quê?

Leitura recomendada

ADAMS, Jay. *De perdoado a perdoador: aprendendo a perdoar uns aos outros da forma de Deus*. Brasília: Monergismo, 2015.